

Gênero, interseccionalidade e pensamento crítico: uma pesquisa com egressas/os/es da Licenciatura em Música

Comunicação

Vânia Beatriz Müller

*Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC
vania.muller@udesc.br*

Yasmim Frufrek

*Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC
yasfmarques@hotmail.com*

Vinicius Jario Pereira

*Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC
viniciusjariopereira@gmail.com*

Resumo: Este trabalho trata de uma pesquisa em andamento, que está observando a prática músico-pedagógica de egressos do curso de Licenciatura em Música da UDESC. Através de procedimentos metodológicos centrados em encontros de Grupos Focais e entrevistas semi-estruturadas, se pretende conhecer o grau de participação da universidade na formação de egressas/os/es participantes da pesquisa, a partir da presença ou ausência de pensamento crítico que se observa em suas atuações no presente. As temáticas centrais nos diálogos promovidos nos grupos focais são as desigualdades sociais de gênero, interseccionadas com a racialização e a classe, mais centralmente e, suas associações com a estrutura sócio sistêmica do neoliberalismo. Uma ilustração quanto ao gênero ao final é trazida para apontar a categoria que mais tem se evidenciado, até o momento.

Palavras-chave: Pensamento crítico na educação musical; gênero e interseccionalidade; formação de educadoras/es musicais; egressas/os/es da Licenciatura em Música.

Introdução

Nosso trabalho tem como fundo ético-político-pedagógico, a crença na suprema importância e necessidade de toda ação educativa/formativa promover pensamento crítico. É o que propõe a pesquisa em andamento de que trata este texto, particularmente na formação crítica de professoras/es/ies¹ de música. O objetivo central da pesquisa é verificar a prática docente, na atualidade, de egressos do curso de Licenciatura em Música da UDESC, formados de 2014 a 2017. A definição desse período de abrangência se deu pela participação dos sujeitos, ainda em formação, na ambiência músico-pedagógica profícua da escola-núcleo² na qual licenciandas/os/es podiam atuar em aulas curriculares de música no Ensino Fundamental, em Oficinas de instrumentos musicais extra-classe, na Orquestra Experimental que havia naquela escola pública e, ainda, desenvolver projetos temáticos em educação musical. Estes projetos eram elaborados previamente em disciplina curricular de sua formação, na universidade, e problematizavam a cultura hegemônica através de categorias identitárias de gênero, racialização, classe, religião, geração e sexualidades, bem como sua interseccionalidade.

Propomos um recorte da referida pesquisa em andamento, para compartilhar e refletir com nossos pares no XXVI Encontro Nacional da ABEM, daquilo que nos foi possível desenvolver nas condições precarizadas pela pandemia, o que ela dificultou desde o início da pesquisa, quanto ao contato e acesso aos sujeitos da investigação. Deste modo, alertamos a nossas/os/es leitoras/es/ies que aqui trazemos dados bastante iniciais da pesquisa, associados tangencialmente, portanto, ao que temos como nossa questão central: verificar e descrever, a partir da prática músico-pedagógica das/os/es egressas/os/es, modos de se interseccionar as identidades sociais acima mencionadas, como categorias de análise de seus respectivos contextos empíricos locais, de docência em música.

¹ Por orientação da equipe organizadora deste XXVI Congresso Nacional da ABEM, utilizaremos neste trabalho a linguagem não generalizada no masculino, tampouco binária.

² Escola-núcleo era o nome dado à escola, durante o período que abrigou o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência/PIBID Música, concentrando diversas atividades formativas dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Música, da Universidade UDESC.

Fundamentação Teórica

Teórica e conceitualmente, a presente pesquisa se fundamenta na Pedagogia Crítica de Paulo Freire (2015) e bell hooks (2019), na interseccionalidade e feminismos de María Lugones (2018) e Kimberle Crenshaw (1989) e nas Teorias Decoloniais (MIGNOLO, 2017; QUIJANO, 2010; GENTILI, 1995), para mencionar apenas algumas/alguns autoras/es/ies. Considerando-se a população majoritariamente branca no estado de Santa Catarina, e dado o racismo tão pulsante nos dias atuais no Brasil, bem como nas três Américas, se aborda com os egressos, por exemplo, a racialização que nasce com a modernidade-colonial-patriarcal-escravagista. Se procura conhecer questões como: de que saberes lançam mão, ao se depararem com uma circunstância pedagógica que envolve racismo? De que argumentos lançam mão, ao se depararem com desigualdades de gênero? As enfrentam? Ou são induzidos pela ambiência ideológica da escola a aceitar opressões, discriminações ou privilégios tidos como naturais? Que critérios balizam suas escolhas de repertórios musicais e os modos com que os abordam?

A problematização da cultura tem sido campo fértil de reflexões na direção de uma educação emancipatória, ou, “educação como prática de liberdade”, nas palavras de Paulo Freire (2015). Tomamos este princípio (MÜLLER, 2003, 2004, 2005), como atribuição da universidade – a responsabilidade de formar “sujeitos reflexivos, capazes de exercer sua liberdade de pensamento e ação, [ao invés de formar] mão de obra qualificada pela assimilação de conhecimentos técnicos a serem oferecidos no mercado de trabalho.” (ROCHA, 2016, p. 8-9). A universidade é o espaço por excelência de instigar o discernimento de que estamos inseridos em uma sociedade cujas estruturas foram forjadas historicamente, alicerçadas em valores morais e culturalmente dados, pela modernidade/colonialidade eurocentrada (CHAUÍ, 2016; MIGNOLO, 2017; QUIJANO, 2010). Estes são alguns dos autores e autora (Marilena Chauí) que têm elucidado a engrenagem da modernidade colonial intercontinental, que gera desigualdades desde sua gênese supremacista.

É a partir desse contexto, que emerge a problemática central desta pesquisa, dada também a barbárie social e crise humanitária em que nos encontramos na contemporaneidade: a curiosidade e necessidade de averiguar entre estudantes egressas/os/es, em que medida a formação dada pela universidade pode ser identificada na atuação músico-pedagógica das/os/es, hoje, profissionais no mercado de trabalho.

Mais recentemente, também na área de Educação Musical, em seus congressos científicos têm sido pauta a importância da educação musical ser descolonizadora, anti-colonial, nos termos de Aníbal Quijano (2010) e Walter Dignolo (2017). Fundamentados nesses estudiosos, os educadores musicais brasileiros Queiroz (2017; 2020) e Batista (2018) apontam a colonialidade ainda explícita nos âmbitos da Educação Básica e também da Educação Superior no Brasil, nos convocando a colocar em foco e ao escrutínio, elementos constituintes da práxis docente – desde repertórios, conteúdos, metodologias e objetivos ainda eurocentrados, a modos e saberes exigidos em vestibulares e comissões de seleção, entre outros.

Compactuamos com os autores, na necessidade de alertar para o risco da reprodução da modernidade colonial através da qual fomos formados, na qual nos aculturamos; significa o risco de conviver com desigualdades de distintas ordens, enquanto naturais. Por exemplo, a tida como natural discriminação que inferiorizou, por séculos, e inferioriza pessoas negras, pois a racialização nasce com a modernidade e o colonialismo escravagista (LUGONES, 2018; QUIJANO, 2010). Portanto, supremacista no contato com os povos originários encontrados pelo caminho das navegações colonizadoras iniciadas no século XVI, do continente europeu para o continente americano, das quais herdou-se o racismo tão pulsante nos dias atuais.

Procedimentos metodológicos

Os procedimentos metodológicos são, centralmente, Grupos Focais, complementados por entrevistas semi-estruturadas, individuais, via formulários escritos. Os grupos focais se dão em encontros remotos via internet e presenciais. A pesquisa iniciou em agosto de 2021 e tem término previsto para julho de 2025.

Nos encontros dos grupos focais, através da moderação da pesquisadora e da participação das/os bolsistas de Iniciação Científica, estimula-se a interação discursiva para se acessar a descrição dos respectivos contextos e as concepções e percepções dos sujeitos sobre suas práticas músico-pedagógicas. Tanto nas entrevistas quanto nos grupos focais, contamos com a memória afetiva dos sujeitos ao propormos que associem, de algum modo, suas biografias com sua prática docente atual e o histórico de sua formação no Curso de Licenciatura em Música/UEDESC, mas também suas respectivas trajetórias na Educação Básica, através de suas memórias. Nelas, procuramos identificar prováveis questões de gênero na infância e adolescência das/os/es egressas/os/es, com resultados bastante positivos sobre a tomada de consciência que vão tomando a respeito, durante a pesquisa.

Morgan (1997) define os grupos focais como um método de pesquisa qualitativa que reúne dados em torno da discussão de um tópico específico, sugerido pelas/os/es pesquisadoras/es, através de interações grupais, como temos feito quanto aos papéis e performatividade de gênero (BUTLER, 2003). As entrevistas e os grupos focais oferecem recursos que permitem a coleta de dados para análise posterior, onde será possível compreender e ressaltar as características e significados que possam surgir nos processos de interação.

Compreende-se, então, a razão adicional pela qual os pesquisadores optaram pelo uso da técnica do grupo focal: descrever representações sociais cuja natureza cambiante exige instrumentos que favoreçam a observação de processos construtivos de sentido. (GUI, 2003, p. 140).

A fim de iniciar o contato com egressas/os/es selecionadas/os/es para a formação de um grupo focal, elaboramos e enviamos uma mensagem de e-mail para aproximadamente noventa egressas/os/es, convidando a participar da pesquisa. Diante disso, quatorze egressas/os aceitaram participar da pesquisa. Sequencialmente, elaboramos um formulário inicial na plataforma “Google” com algumas questões abrangentes sobre locais onde se encontram, em que área estão trabalhando, para direcionarmos a pesquisa num primeiro momento.

A partir das respostas derivadas dos formulários, elaboramos as entrevistas semiestruturadas, para serem utilizadas dentro dos grupos focais. As discussões derivadas das temáticas envolvendo gênero e intersecções têm apontado grande interesse dos sujeitos da

pesquisa, como ilustraremos brevemente, adiante. Os encontros dos grupos focais estão sendo gravados, o que tem sido crucial para o aproveitamento de todo material levantado. As descrições dos contextos de atuação das/os/es egressas/os/es é diversa: salas de aula da Educação Básica, Projetos Sociais em ONGs, escolas específicas de Música, escolas particulares da Educação Básica, e em distintos estados e cidades brasileiras, o que também confere aos diálogos, uma riqueza de temáticas a abordar, pois passa a ser de interesse dos próprios egressos. Estamos em fase de transcrição dos diálogos, tendo já surgido duas categorias mais evidentes: o mercado de trabalho e questões de gênero.

Considerações a alguns resultados parciais

Estamos em fase de dimensionar em que medida as/os/es sujeitas/os/es conectam o pensamento crítico desenvolvido e em desenvolvimento, com as desigualdades das identidades sociais de gênero, e suas prováveis interseccionalidades com a racialização, classe, religião, orientação das sexualidades (CRENSHAW, 1989; COLLINS; BILGE, 2021). Trazemos um trecho ilustrativo, da concepção ainda existente de que mulher não gosta e/ou não entende de harmonia (MÜLLER, 2010, 2013, 2021):

Entrevistada: Do que você falou... da valorização da mulher, por último ali, eu pensei no Choro Mulheril, grupo de mulheres que tô participando [...] Pensando em seres humanos sendo bem tratados, mulheres recebendo mulheres e se valorizando... nesse sentido. Porque agora também... aaa a gente ganhou aula de graça através do projeto né, tem esse valor também né. Mas, nesse sentido, ali eu me sinto muito bem valorizada e... como ser humano e como mulher que é capaz de tocar violão, que é capaz de tocar outros instrumentos, que é capaz de entender harmonia, né. Porque até então... eu fiz todo o curso da UDESC, mas eu não sabia o que que era um cinco um (V-I) de verdade. Eu terminei [a Licenciatura] sem entender isso, de verdade. Eu sabia isso matematicamente assim né. [...] eu entrei no curso de uma maneira.... eu entrei muito rasa, sem conseguir entender que... Eu fiz algumas aulas de teoria pra conseguir passar no vestibular, né.... Então, eu entrei assim... “O que que é isso?!” ... claro, isso eu também falo mais diretamente da XXXXX que eu comecei a fazer aulas com ela de violão a dois anos, né.... e a partir dessas aulas que eu comecei a entender alguma coisa.... de ela mostrar que eu era capaz! Essa é a relação, a aula com a professora instrumentista mulher. Coisa que eu não sentia antes, era sempre uma coisa assim, tipo, medo de harmonia! De ser desacreditada nisto. Até por namorado; ele me falar assim, tipo: “a não...” meio desistente assim: “a não, deixa pra lá, você não precisa entender harmonia, canta aí, tá tudo certo”. Que eu até entendo, né. Mas, eu me sinto tão, agora, **capaz** assim, sabe?

Tipo, eu posso tirar uma música de ouvido, né. Uma harmonia de ouvido, eu nunca imaginei que isso seria possível. Então, essa... [para de falar, bastante emocionada. Enxuga as lágrimas]. (Grupo Focal 2, 11.05.23)

Visivelmente, a egressa sente uma memória bastante sofrida, ao mesmo tempo sente o contraste de sua capacidade descoberta recentemente por ela mesma, o que nunca acreditou que pudesse fazer: tocar violão e compreender e dominar harmonia musical.

Outra egressa nos trouxe relatos de discriminação de gênero em sua ambiência de atuação em educação musical: uma mãe que insistia que sua filha menina não optasse por percussão – “coisa masculina”, disse ela – assim como a própria professora declarou sentir falta de legitimidade atribuída a ela, em sua capacidade musical na percussão, por ser mulher. São ilustrações de que a pesquisa em andamento tem apontado a pertinência das problematizações que temos colocado aos sujeitos da investigação, no que diz respeito ao pensamento crítico associado a papéis sociais de gênero, seja no questionário inicial, seja nas nossas interações nos grupos focais. Avaliamos que têm sido efetivas as associações temáticas e conceituais que estamos estabelecendo a partir de nossa fundamentação teórica, com os conteúdos que os sujeitos descrevem de seus respectivos contextos de atuação músico-pedagógica. Através das questões de gênero, educadoras e educadores musicais têm ampliado a consciência dos papéis de gênero no universo musical, diretamente quanto a instrumentos e subáreas musicais, como visto sobre o campo da harmonia.

Com base em Chauí (2016), Bourdieu (2009), Casara (2021), Freire (2015), nos ficaram explícitas algumas relações diretas da prática docente atual das/os/es egressas/os/es participantes da pesquisa, com o que já é historicamente conhecido nas ciências humanas de modo geral: valores atribuídos à música na formação humana, nas relações de trabalho e institucionais de natureza hierárquica, nas concepções de educação musical de suas chefias imediatas, mas também em estudantes e familiares, atreladas ao utilitarismo – pressuposto central do neoliberalismo, o que é consenso na autora e autores mencionados acima.

Algo não previsto inicialmente no projeto da pesquisa são contribuições teóricas de perspectiva antropológica – como a de Marshall Sahlins em “Cultura na Prática” (2007) e de George Yúdice (2004) em “A conveniência da cultura: usos da cultura na era global” – em nossa interpretação sobre a tomada de consciência e desenvolvimento do pensamento crítico dos egressos, durante a pesquisa. O próximo passo é associar diretamente como o gênero

constitui a estrutura sociocultural de suas ambiências de trabalho. Vimos uma eficiência significativa a partir destes autores, nas reflexões conjuntas nos grupos focais, envolvendo as díades local/global, teoria/prática e natureza/cultura no que tange à precarização do mundo do trabalho percebida pelos sujeitos, mas também, no que ainda está encoberto pela névoa invisibilizadora de naturalizações que interessam ao neoliberalismo, como o patriarcado, a supremacia do homem, a desigualdade de salários também associada a gêneros musicais e, o que já pudemos observar, dificuldades no tratamento com pessoas de orientação homoafetiva. Algumas egressas declararam já ter sofrido comparações com colega homem, com certos favorecimentos na ambiência de trabalho, como escolha de horário de aulas. As declarações e observações nos grupos focais têm nos apontado a necessidade de atualizarmos e aprofundarmos nossos estudos de gênero na área da Educação Musical, no que estamos no presente momento através de Oliveira (2020), Wenning (2019) e Silva (2000), que muito estão contribuindo para pensarmos tanto o espaço escolar, como o não escolar.

Em nossas gravações e registros escritos se observa um grande valor atribuído à produção – apresentações musicais em datas comemorativas – enquanto resultado esperado principalmente pelas coordenações e direções de escola, mas também por pais e mães de crianças e adolescentes. É bastante interessante observar os sujeitos da investigação compreendendo que isto se refere à “ideologia da competência” (CHAUÍ, 2016) e, nela, quais mecanismos da performatividade de gênero são acionados, seja por adolescentes, colegas de trabalho, coordenadora de escola.

Chama a atenção que a expectativa e exigência institucional desta competência de nossas/os/es egressas/os/es ocorra tanto em escolas privadas, majoritariamente, mas também em projetos sociais com população periférica; em um dos casos, com público infantil e adolescente em condição de insegurança alimentar. Na próxima etapa com os sujeitos da investigação procuraremos interseccionar o gênero com a racialização e demais identidades sociais que se evidenciarem, nos relatos e reflexões dos grupos focais com as/os/es educadoras/es musicais.

Referências

- BATISTA, Leonardo Moraes. Educação Musical, relações étnico-raciais e decoloneidade: tensões, perspectivas e interações para a Educação Básica. *Revista Orfeu*, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 111-135, dez. 2018. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/orfeu/issue/view/Orfeu%2C%20v.3%2C%20n.%202%20%282018%29>>. Acesso em 2 de março de 2021.
- BOURDIEU, Pierre. *O Senso prático*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução, Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CASARA, Rubens. *Contra a Miséria Neoliberal: racionalidade, normatividade e imaginário*. São Paulo: Autonomia Literária, 2021.
- CHAUÍ, Marilena. *A ideologia da competência*. São Paulo: Autêntica Editora, 2016.
- COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. A Interseccionalidade como investigação e práxis críticas. In: COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. São Paulo: Boitempo, 2021. p. 51-88.
- CRENSHAW, Kimberle. Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. *The University of Chicago Legal Forum. Feminism in the law: theory, practice and criticism*, Chicago, v. 1989, p. 139-167, 1989.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática de liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- GENTILI, Pablo. Neoliberalismo e educação: manual do usuário. In: GENTILI, Pablo; Silva, Tomaz Tadeu da (orgs.). *Escola S.A.: quem ganha e quem perde no mercado educacional do liberalismo*. Brasília: Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação/CNTE, 1995, p. 24-40.
- GIL, Antonio Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GUI, Roque Tadeu. Grupo focal em pesquisa qualitativa aplicada: intersubjetividade e construção de sentido. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, Florianópolis, v. 3, n. 1, p. 135-159, jun. 2003. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572003000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 27 de jun. 2023.
- HOOKS, bell. *Anseios: raça, gênero e políticas culturais*. São Paulo: Elefante, 2019.

LUGONES, Maria. Heterossexualismo e o sistema de gênero colonial/moderno. In: BAPTISTA, Maria Manuel (org.). *Gênero e performance: textos essenciais 1*. Coimbra: Grácio Editor, 2018. p. 239-270.

MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. Tradução de Marco Oliveira. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 32, n. 94, p. 1-18, jun. 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v32n94/0102-6909-rbcsoc-3294022017.pdf>>. Acesso em: 2 de março de 2021.

MORGAN, David L. *Focus group as qualitative research Qualitative Research Methods Series*. 2. ed. London: Sage Publication, 1997.

MÜLLER, Vânia Beatriz . A subjetivação em vivências musicais: um processo pedagógico. *Educação*, Santa Maria, v. 28, n. 2, p. 71-78, jul./dez. 2003.

_____. Ações sociais em educação musical: com que ética, para qual mundo? *Revista da Abem*, Porto Alegre, n. 10, p. 53-58, mar. 2004.

_____. Por uma educação musical implicada com os modos de vida de seus cenários de atuação. *Revista da Abem*, Porto Alegre, v. 12, p. 43-47, mar. 2005

_____. *Indivíduo músico, músico universal: uma etnografia na Itiberê Orquestra Família*. 2010. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Centro de filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2010.

_____. Música e gênero: impressões de um trabalho de campo no Rio de Janeiro. In: NOGUEIRA, Isabel P.; FONSECA, Susan C. (org.). *Estudos de gênero, corpo e música: abordagens metodológicas*. 3. ed. Goiânia: Anppom, 2013. p. 336-353.

_____. Historicizando o conceito de gênero: da antropologia feminista à educação musical. *Revista da Abem*, Porto Alegre, v. 29, p. 199-213, 2021.

OLIVEIRA, Wenderson Silva; FARIAS, Isabel Maria Sabino de. Enviadescer a educação musical, musicar a bicha e fraturar currículos: estranhamentos sonoros para pensar fazer um currículo queer. *Revista da Abem*, v. 28, p. 139-161, 2020.

ROCHA, Juliana dos Santos. *O aprender como produção humana: os sentidos subjetivos acerca da aprendizagem produzidos por adolescentes em situação de vulnerabilidade social*. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação da escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2016.

SAHLINS, Marshall D. *Cultura na Prática*. Tradução de Vera Ribeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.



SILVA, Helena Lopes da. *Música no Espaço Escolar e a Construção da Identidade de Gênero: Um Estudo de Caso*. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Formação intercultural em música: perspectivas para uma pedagogia do conflito e a erradicação de epistemicídios musicais. *Intermeio: Revista do Programa de Pós Graduação em Educação*, Campo Grande, v. 23, n. 45, p. 99-124, jan./jun. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufms.br/index.php/intm/article/view/5076>>. Acesso em: 8 de fev. 2021.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Até quando Brasil? Perspectivas decoloniais para (re)pensar o ensino superior em música. *PROA: Revista de Antropologia e Arte*, Unicamp, v. 1, n. 10, p. 153-199, 2020. Disponível em: <<https://ojs.ifch.unicamp.br/index.php/proa/issue/view/241/139>>. Acesso em: 11 de fev. 2021.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 73-117.

WENNING, Gabriela Garbini. *Docência de música e diversidade de gênero e sexualidade: um estudo com professores/as de música da educação básica*. 2019. Dissertação (Mestrado) - Curso de Música, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

YÚDICE, George. *A conveniência da cultura: usos da cultura na era global*. Tradução de Marie-Anne Kremer. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

